



TODA BICHA USA SWAROVSKI? FAZER POLÍTICA NO TRAJE TÍPICO DO MISS BRASIL GAY

Rodrigues Junior, Paulo de Oliveira¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a etapa do desfile de trajes típicos no Miss Brasil Gay, cujo escopo é a representação e valorização dos aspectos culturais dos estados brasileiros pelas misses por meio do vestuário, mas que nas suas brechas, torna-se uma possibilidade da insurgência de pautas políticas mais específicas pelas misses. Idealizado pelo cabeleireiro Chiquinho Motta/Mademoiselle Debret Le Blanc, o concurso existe há mais de quatro décadas na cidade de Juiz de Fora e elege o/a maior transformista gay do país. Delimitando as análises entre as décadas de 1990 a 2010, foi realizado um levantamento dos vídeos, fotografias e reportagens referentes ao Miss Brasil Gay que circularam nas plataformas oficiais do evento (Instagram, Youtube e Facebook), também no acervo virtual do jornal eletrônico “Acessa” e em alguns perfis públicos de pessoas envolvidas na competição. Traçando um diálogo com Samuel Abrantes, Diana Crane, Susan Sontag, Stuart Hall, Benedict Anderson, Marcia Ochoa, Oluwakemi M. Balogun, Judith Butler, Joan Scott e outres, tentamos resgatar alguns desfiles dentro do Miss Brasil Gay onde misses tomaram o vestuário como um instrumento de comunicação verbal e não verbal de pautas da comunidade LGBTQIAP+, utilizando do traje típico e da performance micro-rompimentos de uma tradição que não permitia às misses exporem suas opiniões políticas. Também, observamos a importância de alguns trajes típicos que buscam resgatar histórias indígenas e afro-brasileiras que rompem – com ressalvas – com a construção da ideia de identidade nacional/regional, diferindo e o singularizando em relação ao tradicional

¹ Doutorande em Artes, Cultura e Linguagens pela Univerisdade Federal de Juiz de Fora, paulo.orjr@gmail.com





Miss Brasil, revelando sua importância na construção da história LGBTQIAP+ fora das metrópoles e de modos de resistência às heteronormas.

Palavras-chave: miss brasil gay; traje típico; lgbtqiap+.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Samuel S. *Itinerários da criação: abismo; dobra e figurino*. Rio de Janeiro: Boaz, 2017.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BALOGUN, Oluwakemi M. Cultural and Cosmopolitan: Idealized Femininity and Embodied Nationalism in Nigerian Beauty Pageants. *Gender & Society*, vol. 26, nº 3, 2012, p. 357-381. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0891243212438958>. Acesso em: 09 nov. 2020.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.
- OCHOA, Marcia. *Queen for a day. Transformistas, Beauty Queens, and the Performance of Femininity in Venezuela*. Durham: Duke University Press, 2014.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.
- SONTAG, Susan. Notas sobre o "camp". In: *Contra a interpretação: e outros ensaios*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

